

ALFA

Association Luso-Française d'Art

Un mois ... un artiste ...des œuvres. Um mês ... uma artista ... obras.

Valentim Quaresma



Sculpteur, styliste



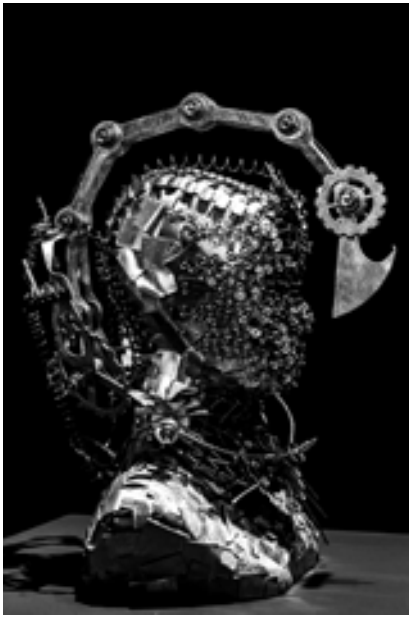
ALFA: Qual é o percurso que (te) levou ao artista que és agora?

V. Q.: Comecei com 16 anos a trabalhar numa oficina de acessórios de moda, com 18 fiz a primeira coleção para a Ana Salazar, já tinha estudado na António Arroio mas foi no Ar.co que os meus horizontes se abriram para uma abordagem mais contemporânea da joalharia, depois foi um percurso muito orgânico, embora sempre trabalhasse em moda com a Ana Salazar fui sempre fazendo projetos artísticos ligando a joalharia a outras áreas artísticas visuais até que cheguei à escultura e instalação. O Premio que recebi em Itália em 2008 foi um passo bastante importante para a internacionalização, a entrada para o calendário oficial da ModaLisboa e a minha residência artística no Palácio Nacional da Ajuda foram passos e experiências muito importantes no meu percurso.

ALFA: Há alguma outra época da história em que desejas ter vivido, para ter o prazer de adaptar as tuas criações aos costumes então em uso?

V. Q.: Há muitas épocas que me inspiram, os anos 20 e 70 americanos, a época medieval e o punk londrino são referências sempre muito presentes, mas não gostava de ter vivido em nenhuma dessas épocas, gosto de viver na época que vivemos e ao viajar até essas épocas criar um universo anacrónico que me define.





ALFA: O teu conceito de moda é unisexo?

V. Q.: Quando crio as coleções nunca penso em homem ou mulher, claro que de vez em quando tenho de cumprir certos códigos anatómicos devido à fisionomia do corpo, mas dou sempre ênfase e penso na personalidade de quem vai usar as peças para as criar. Criativamente acho mais estimulante pensar em atitude do que em género sexual.

ALFA: Paco Rabanne dizia que tinha medo do futuro. E tu, tens medo do futuro?

V. Q.: Não sei em que contexto ele disse isso, mas seja em que contexto for acho absurdo ter medo do futuro. O futuro está ligado ao sonho, e a vida sem sonhos torna-se num vazio. Estarmos a viver um momento atípico das nossas vidas e cada dia que passa o mais correto é pensar que o futuro é agora por ser muito difícil o planeamento a longo prazo. O futuro é sempre aliciante e deve ser sempre sonhado de uma maneira positiva.

ALFA: As tuas peças de vestuário e as esculturas ou instalações que crias, convivem no mesmo universo ou vivem em galáxias diferentes?

V. Q.: Vivem na mesma galáxia, mas em planetas diferentes, na moda, embora esteja sob um processo criativo artístico há uma parte que a tenho de ligar ao design, o que não se passa quando crio as instalações, escultura ou joalharia contemporânea, além de que os conceitos que desenvolvo na moda são muito diferentes dos que desenvolvo na arte. Na arte os resultados são mais pessoais, na moda é o oposto, trabalho aquilo que acho que vai ao encontro da personalidade da pessoa que vai usar as minhas peças dentro do meu universo criativo.

ALFA: A escala, no teu trabalho escultórico, é um desafio constante e algo crucial no teu discurso artístico? Ou um 'grito libertário' do artista plástico, relativamente à escala antropométrica das peças de vestuário?

V. Q.: A escala é um fator importante em ambas as áreas, na arte, o meu pensamento é minucioso, para chegar a uma escala maior o processo criativo é mais demorado e fica inserido num grau de concentração profundo que para sair dele preciso da moda para me libertar.

